



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

BOLETIM INFORMATIVO

Ano 79 - Nº 36 – JAN-FEV 2026

DOIS MESTRES, UMA TRADIÇÃO

Dr. José Octávio de Freitas
(1871–1949).



Prof. Dr. Gilson Edmar
Gonçalves e Silva (1943–2026)



Nesta edição, o IPHM presta homenagem à memória desses dois mestres que, em tempos diferentes, ajudaram a construir a mesma tradição de saber, ética e compromisso com a medicina.

Editorial *Curiosidades Históricas* *Artigos em Destaque*
Notas Avulsas *Memórias da Medicina de Pernambuco*
Invenções e descobertas que revolucionaram a Medicina
Aniversariantes do Bimestre *Datas Comemorativas*

Editorial



José Luiz de Lima Filho

Presidente do IPHM, Vice Presidente da APM

MEDICINA EM TEMPOS DE GUERRA: O PARADOXO DO PROGRESSO E O IMPERATIVO DA HUMANIDADE

Ao longo da história, os períodos de guerra figuram entre os capítulos mais sombrios da trajetória humana. Conflitos armados devastam cidades, deslocam populações, interrompem projetos de vida e deixam marcas profundas nas sociedades. No entanto, ao revisitar esses momentos pela lente da história da medicina, emerge um paradoxo inquietante: muitas das transformações que hoje sustentam a prática médica moderna nasceram justamente em cenários de destruição e sofrimento.

As guerras impuseram à medicina desafios inéditos. Ferimentos em escala jamais vista, infecções devastadoras, necessidade de evacuação rápida de feridos e a urgência de organizar sistemas de atendimento obrigaram médicos e cirurgiões a repensar práticas, criar métodos e desenvolver tecnologias. Foi assim que surgiram ou se consolidaram conceitos hoje fundamentais, como a triagem de vítimas em massa, os sistemas organizados de atendimento aos feridos, os bancos de sangue, os avanços na cirurgia reconstrutiva e o desenvolvimento de novos fármacos.

Em muitos momentos da história, a pressão das circunstâncias acelerou descobertas que talvez levassem décadas para amadurecer em tempos de paz. Hospitais militares tornaram-se verdadeiros laboratórios de inovação. Técnicas cirúrgicas foram refinadas diante da necessidade urgente de salvar vidas. Protocolos de atendimento emergencial nasceram da observação sistemática dos resultados obtidos no campo de batalha.

Esse fenômeno coloca diante de nós um paradoxo moral inevitável: o sofrimento humano, em sua expressão mais extrema, acabou funcionando como catalisador involuntário de avanços médicos que hoje beneficiam milhões de pessoas.

Entretanto, reduzir a história da medicina em tempos de guerra apenas a esse processo de inovação seria perder de vista seu aspecto mais profundo. Em meio à brutalidade dos conflitos, a medicina frequentemente se afirma como uma das mais poderosas forças de humanização.

Enquanto a lógica da guerra se orienta pela destruição do adversário, a lógica da medicina permanece ancorada na preservação da vida.

No campo de batalha, médicos, enfermeiros e socorristas tratam indistintamente soldados e civis, aliados e inimigos, guiados por princípios éticos que transcendem fronteiras políticas ou ideológicas.

A própria consolidação do direito humanitário e das convenções internacionais de proteção aos feridos e aos profissionais de saúde nasce dessa compreensão de que, mesmo na guerra, certos limites civilizatórios devem ser preservados.

Assim, a medicina ocupa um lugar singular nos períodos de conflito. Ao mesmo tempo em que aprende e evolui diante das adversidades impostas pela guerra, ela também representa um contraponto moral à lógica da violência. Cada vida salva, cada dor aliviada e cada gesto de cuidado reafirmam a dignidade humana em circunstâncias que parecem negá-la.

A história da medicina nos ensina, portanto, uma lição dupla. Por um lado, revela a extraordinária capacidade humana de transformar adversidade em conhecimento. Por outro, lembra que o verdadeiro sentido desse conhecimento reside na proteção da vida e no cuidado com o outro.

Em um momento da história contemporânea em que conflitos armados voltam a ocupar espaço significativo no cenário internacional, revisitar essas experiências torna-se não apenas um exercício acadêmico, mas também um convite à reflexão. A medicina, em sua essência, não pertence à guerra. Ela pertence à vida.

E talvez seja justamente essa a maior contribuição que a história da medicina pode nos oferecer:

MESMO NOS MOMENTOS MAIS SOMBRIOS DA HUMANIDADE, SEMPRE HOUE MÃOS DEDICADAS A CURAR, ALIVIAR E PRESERVAR AQUILO QUE NOS TORNA HUMANOS.



Nossa capa

O Legado de José Octávio de Freitas e Gilson Edmar Gonçalves e Silva



A história da medicina em Pernambuco é feita de gerações que, separadas pelo tempo, se unem pelo mesmo compromisso com o conhecimento, o ensino e o serviço à sociedade. Nesta edição do Boletim, prestamos uma homenagem póstuma a duas dessas figuras notáveis: Dr. José Octávio de Freitas (1871–1949) e Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva (1943–2026). Embora pertencentes a épocas distintas, ambos representam momentos decisivos da construção e do amadurecimento da medicina pernambucana.

José Octávio de Freitas foi um dos grandes arquitetos da medicina científica no Estado, figura central na consolidação do ensino médico e na organização das instituições que moldaram a prática médica no início do século XX. Seu trabalho ajudou a lançar as bases sobre as quais se edificaria a medicina moderna em Pernambuco.

Décadas depois, **Gilson Edmar Gonçalves e Silva** destacou-se como herdeiro dessa tradição de excelência. Professor, pesquisador e formador de gerações de médicos, foi referência intelectual e humana na vida universitária e na prática médica, contribuindo para o fortalecimento da medicina acadêmica e para a difusão de valores éticos e científicos que caracterizam a melhor tradição da profissão.

**Entre eles há mais que a distância de duas gerações:
há uma linha de continuidade histórica.**

Se Octávio de Freitas representa o tempo da fundação e da afirmação institucional da medicina pernambucana, Gilson Edmar simboliza sua maturidade acadêmica e científica. Ambos foram mestres no sentido mais pleno da palavra: médicos que compreenderam que a verdadeira herança de um profissional da medicina não se mede apenas por suas obras, mas pelas pessoas que formou e pelo exemplo que deixou.

Ao reuni-los simbolicamente nesta capa, o Instituto Pernambucano de História da Medicina recorda que a história da medicina é, sobretudo, uma história de mestres e discípulos, em que cada geração recebe um legado e o transmite, ampliado, às que virão.

Assim, ao reverenciar a memória de José Octávio de Freitas e Gilson Edmar Gonçalves e Silva, celebramos também a permanência de um ideal:

**o de uma medicina comprometida com o saber,
com o ensino e com o cuidado humano.**



Seção I - Curiosidades Históricas

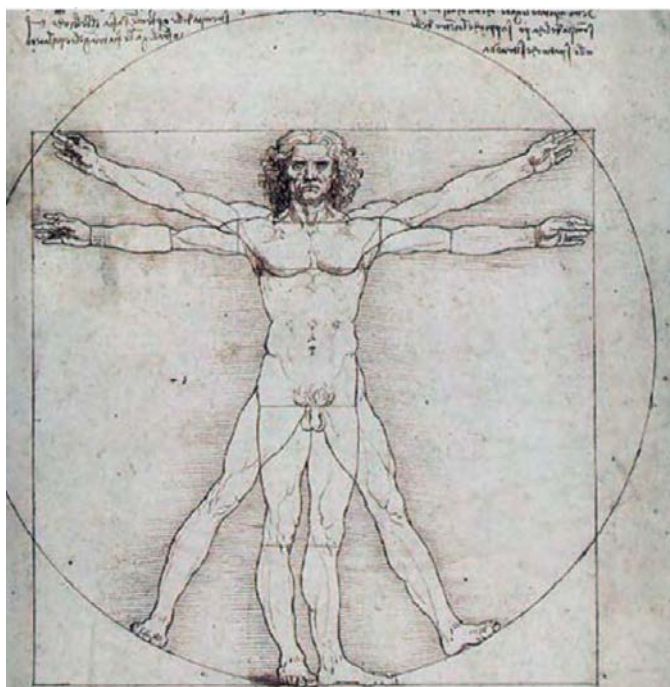
Antonio Peregrino

Presidente da Academia Pernambucana de Medicina e
Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

O HOMEM VITRUVIANO UMA SÍNTESE ENTRE ARTE, ANATOMIA E MATEMÁTICA

Leonardo da Vinci (1452-1519), uma das mais importantes personagens do Alto Renascimento, foi autor de do clássico desenho feito com caneta e lápis sobre papel, em 1492, intitulado “O homem de Vitruvius” ou “Homem Vitruviano” (Uomo Vitruviano).

O desenho constitui uma homenagem ao arquiteto e engenheiro romano Marcus Vitruvius Pollio - responsável por projetar os aquedutos na Roma Antiga no Século I d.C. - e que afirmara que um homem com as pernas e braços abertos caberia perfeitamente dentro de um quadrado e de um círculo, considerados figuras geométricas perfeitas.



Uomo Vitruviano - Desenho a caneta e lápis sobre papel, 34,6 x 24,5 cm Galeria Da Academia (Veneza)

Vitruvius nunca elaborou um imagem para comprovação do que afirmara mas suas ideias de proporções perfeitas do corpo humano serviram de inspiração para Leonardo da Vinci elaborar o clássico desenho que se encontra atualmente na Gallerie Dell'Academia (Galeria da Academia) em Veneza, na Itália.

Para Vitruvius o centro do desenho seria exatamente o centro do indivíduo, mais especificamente seu umbigo.

Suas dimensões são 34,6 cm x 25,5 cm e, por ser extremamente frágil em seus mais de 500 anos de existência, raramente é exposto para visitaçã

Referências:

Bezerra. A.J.C. Admirável Mundo Médico - A arte na história da Medicina. Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, 3ed.Brasília, DF, 2006.
Carothers, P. A história e influência do Homem Vitruviano de Da Vinci. Art & Object.

Capturado em <https://www-artandobject-com.translate.goog/news/history-and-influence-da-vincis-vitruvianman?>

Seção II - Notas Avulsas



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA: AGOSTO DE 2026 - 80 ANOS DE FUNDAÇÃO.

No próximo mês de agosto, no dia 25, o Instituto Pernambucano de História da Medicina estará completando oitenta anos de fundação. É considerado como a última realização de Octávio de Freitas, “um pernambucano ilustre nascido no Piauí”. A diretoria do Instituto organizará uma série de eventos para celebrar a data, numa demonstração de que apesar das adversidades continuaremos a luta para sua restauração, sobretudo do seu museu.



INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE HISTORY OF MEDICINE: RENATO CÂMARA – MEMBRO TITULAR

O confrade Renato Câmara foi admitido no quadro da Sociedade no mês de janeiro deste ano (2026) como membro titular. A ISHM foi fundada em Paris em 1921 com o propósito de assistir e dar suporte a estudos históricos de todas as questões relacionadas às ciências médicas e biomédicas, desta Sociedade. Ela publica uma revista - **Vesalius** - de periodicidade semestral - com acesso a todos os associados e realiza a cada dois anos o seu congresso internacional.



ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA: DEZEMBRO DE 2025 – 55 ANOS DE FUNDAÇÃO

A APM celebrou 55 anos de fundação em uma solenidade que reuniu acadêmicos, médicos e convidados. Na ocasião, foram homenageados a médica Helena Carneiro Leão, como Acadêmica do Ano; o cardiologista Eduardo Lins Paixão, com a Medalha Fernando Figueira; e a dermatologista Maria Marta de Cerqueira Júdice Tavares, com a Placa de Honra ao Mérito. A solenidade também destacou o incentivo à formação médica, com a entrega do Prêmio Salomão Kelner de Incentivo aos Estudantes de Medicina, concedido à estudante Maria Eduarda Notaro Cavalcanti (1º lugar), além de Menções Honrosas aos estudantes Renan Vinicius Brandão e Rodrigo Alves Ataíde. Já o Prêmio Amaury Coutinho de Incentivo à Residência Médica foi entregue ao médico psiquiatra Henrique Lacet Cordeiro.



INSTITUTO LIKA DA UFPE: PALESTRA DO NETO DE GILBERTO FREIRE

Gilberto de Mello Freyre Neto, representando a Fundação Gilberto Freyre, proferiu uma palestra intitulada “O saliente nordestino e a ponte atlântica” no dia 02 de março de 2026, no Auditório do Aggeu Magalhães – ILIKA/UFPE (Instituto Lika da Universidade Federal de Pernambuco). A palestra abordou o Nordeste como um espaço estratégico de produção de conhecimento. Gilberto Freyre Neto atua frequentemente em eventos comemorativos e de preservação da memória de seu avô, o sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987). O tema sugere uma análise da importância cultural e estratégica de Pernambuco e do Nordeste no cenário global, refletindo o pensamento regionalista de Gilberto Freyre. A fala terminou com uma mensagem impactante: ***VAMOS TIRAR O AMOR PRÓPRIO DO CHÃO!***

Seção III - Invenções & Descobertas que revolucionaram a Medicina

O PARASITA, O BARBEIRO E O DOENTE: A DESCOBERTA DA DOENÇA DE CHAGAS, UM FEITO EXCEPCIONAL NA MEDICINA.



Filipe Prohaska

Membro Titular do Instituto
Pernambucano de História da Medicina

No início do século XX, o Brasil ainda era majoritariamente rural. Grandes extensões do território permaneciam afastadas da presença efetiva do Estado, marcadas por pobreza estrutural, habitações precárias e graves problemas sanitários. Ao mesmo tempo, a ciência biomédica brasileira começava a se consolidar institucionalmente em centros emergentes como o Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

Foi nesse ambiente que o médico e pesquisador mineiro Carlos Ribeiro Justiniano Chagas (1879–1934) realizou uma das descobertas mais extraordinárias da história da medicina. Em 1907, Chagas foi enviado ao norte de Minas Gerais para atuar em uma campanha de combate à malária que ameaçava os trabalhadores da recém-construída ferrovia Central do Brasil.

Instalado na pequena localidade de Lassance, ele montou um improvisado laboratório em um vagão de trem adaptado.



Estação ferroviária de Lassance (imagem atual). Em 1909, quando Carlos Chagas ali trabalhou, a localidade era um pequeno povoado ferroviário com menos de mil habitantes.



Vagão ferroviário do início do século XX, semelhante ao utilizado por Carlos Chagas como laboratório improvisado durante suas pesquisas em Lassance, Minas Gerais. Imagem ilustrativa.

Foi nesse cenário que teve início uma sequência de observações científicas que culminariam em uma descoberta sem precedentes.

O primeiro elo: o inseto vetor.

Durante suas investigações na região, Chagas tomou conhecimento da presença, nas casas de pau-a-pique da população local, de insetos hematófagos conhecidos popularmente como “barbeiros”.

Esses insetos, pertencentes ao gênero *Triatoma*, alimentavam-se do sangue das pessoas durante a noite, picando principalmente a face — daí a origem do nome popular

Examinando o conteúdo intestinal desses insetos ao microscópio, Chagas identificou um protozoário flagelado desconhecido. Tratava-se de um novo parasita do gênero *Trypanosoma*, que ele posteriormente denominaria *Trypanosoma cruzi*, em homenagem ao seu mentor, Oswaldo Cruz.

Continua

Seção III - Invenções & Descobertas que revolucionaram a Medicina

O PARASITA, O BARBEIRO E O DOENTE: A DESCOBERTA DA DOENÇA DE CHAGAS, UM FEITO EXCEPCIONAL NA MEDICINA.



Filipe Prohaska

Membro Titular do Instituto
Pernambucano de História da Medicina

O segundo elo: a transmissão

Para compreender o ciclo biológico daquele organismo recém-identificado, Chagas iniciou experimentos em animais de laboratório. Demonstrou que o protozoário podia infectar mamíferos após a exposição ao inseto vetor. A investigação revelou um mecanismo de transmissão peculiar: ao sugar o sangue, o barbeiro defeca próximo ao local da picada. Nas fezes do inseto encontram-se os tripanossomas, que penetram no organismo humano através da pele lesionada ou de mucosas quando a pessoa coça o local da picada. Esse mecanismo — diferente da transmissão diretamente pela picada, como ocorre na malária — tornou-se uma das características clássicas da nova enfermidade.

O terceiro elo: o homem doente

Em 1909, Chagas encontrou o que completaria a cadeia epidemiológica da doença. Ao examinar o sangue de uma criança febril chamada Berenice, residente em Lassance, identificou o mesmo protozoário observado nos insetos. Tratava-se da primeira descrição clínica da enfermidade que passaria à história como Doença de Chagas.

Chagas descreveu de maneira sistemática:

- ✓ o agente etiológico (*Trypanosoma cruzi*),
- ✓ o vetor transmissor (barbeiros da subfamília Triatominae),
- ✓ os reservatórios animais,
- ✓ o mecanismo de transmissão,
- ✓ e as manifestações clínicas da doença em humanos

Esse conjunto de descobertas constitui um feito praticamente único na história da medicina: um único pesquisador foi responsável por descrever integralmente o ciclo de uma doença infecciosa — do parasita ao paciente.

Uma descoberta científica e um diagnóstico social

A investigação de Chagas rapidamente ultrapassou o campo estritamente biomédico. Ao percorrer o interior do país, ele identificou que a nova doença estava intimamente associada às condições de moradia da população rural.

As casas de barro e madeira, cheias de frestas nas paredes, ofereciam abrigo ideal para os barbeiros. Assim, a doença revelou ao país a existência de uma vasta população vivendo em condições de extrema vulnerabilidade sanitária. Mais do que uma enfermidade parasitária, a doença de Chagas tornava-se também um retrato das desigualdades sociais brasileiras. Resistências e controvérsias

A amplitude das conclusões de Chagas gerou resistências no meio científico e político da época. Alguns pesquisadores questionaram a extensão epidemiológica da nova doença, enquanto disputas institucionais e rivalidades acadêmicas contribuíram para ampliar as críticas.

Parte desse desconforto vinha também da dimensão social da descoberta: ao evidenciar a precariedade das condições de vida no interior do país, Chagas expunha uma realidade que muitos preferiam ignorar.

Continua

Seção III - Invenções & Descobertas que revolucionaram a Medicina



Filipe Prohaska

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina



Lassance hoje com 7100 habitantes. Um século depois da passagem de C Chagas, a cidade ainda permanece um município pequeno do interior de Minas Gerais.

O Nobel que não veio

O reconhecimento internacional, entretanto, foi significativo. Chagas foi indicado ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em duas ocasiões, em 1913 e 1921.

Muitos historiadores da ciência consideram que sua descoberta reunia plenamente os critérios para a premiação. Ainda assim, o Nobel nunca foi concedido.

A combinação de disputas internas no Brasil, questionamentos científicos amplificados por adversários e a limitada influência política da ciência latino-americana no cenário europeu provavelmente contribuíram para que sua contribuição fosse subestimada naquele momento histórico.

Um século depois

Mais de um século após a descoberta, a doença de Chagas permanece como um importante problema de saúde pública na América Latina.

Episódios recentes lembram sua permanência: em 2019, Pernambuco registrou um surto de Chagas agudo associado à transmissão oral durante um encontro religioso em Ibimirim.

Para muitos médicos e pesquisadores brasileiros, a história de Chagas mantém também um significado simbólico. Ao examinar uma lâmina de sangue ao microscópio — muitas vezes inicialmente em busca do parasita da malária — e reconhecer o *Trypanosoma cruzi*, é inevitável recordar aquele jovem pesquisador trabalhando em um laboratório improvisado no interior do país.

A descoberta realizada em Lassance permanece como uma das maiores contribuições da medicina tropical mundial — não apenas pela identificação de um novo parasita, mas por demonstrar que ciência, observação clínica e realidade social frequentemente caminham juntas.

A obra de Carlos Chagas continua a lembrar que muitas vezes a doença revela algo maior: as condições de vida de uma sociedade.

Quando a ciência decide olhar com atenção para a realidade, pode transformar conhecimento em consciência.

O texto contou com o apoio de ferramentas de inteligência artificial generativa

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

ASCÂNIO PEIXOTO (22/08/1870 – 24/04/1922)

ENTRE A CRUZ E O NOME



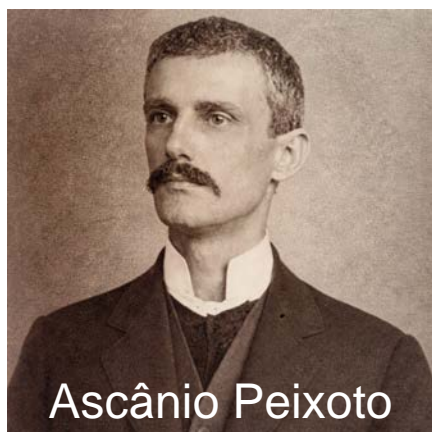
Eduardo Lins Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

O artigo apresenta Ascânio Peixoto como uma figura-chave na transição do Recife de uma ordem baseada na autoridade punitiva para outra orientada pela ciência e pela institucionalização do saber — simbolicamente situada entre a **Cruz do Patrão** e a avenida que leva seu nome.

As cidades não se mantêm apenas por ruas, edifícios ou concreto armado. Mantêm-se, sobretudo, pela memória — inclusive a memória daqueles que não ocupam os monumentos centrais nem figuram nos livros escolares. Há uma camada silenciosa da história inscrita nos nomes que atravessamos todos os dias sem perceber.

Caminhar por uma cidade é, muitas vezes, passar por vidas inteiras reduzidas a placas de metal, repetidas mecanicamente, até que o sentido original se apague. Ainda assim, quem é lembrado — mesmo de forma discreta — recusa a morte definitiva.



Ascânio Peixoto

No Recife Antigo, no extremo norte do porto, esse jogo de tempos sobrepostos torna-se particularmente evidente. Ali, onde a cidade se abre para o mar e para a história, convivem marcas que raramente são lidas em conjunto.

Nas proximidades da Cruz do Patrão, o Recife expõe suas camadas mais duras: a herança colonial, a violência institucional, o medo, a fé, a resistência.

É um espaço onde o passado não se oferece como narrativa confortável, mas como presença incômoda.

A Cruz do Patrão não é apenas um marco de pedra. É um símbolo pesado.

Foi referência de navegação, cenário de punições exemplares, espaço de rituais e de temor. Ali se cruzaram poder e castigo, disciplina e silêncio. A Cruz fala menos pelo que afirma do que pelo que sugere. Guarda, em sua imobilidade, aquilo que a cidade preferiu não elaborar plenamente.



Cruz do Patrão (Mestre de embarcação) - Monumento histórico pouco conhecido, localizado atualmente na área do Porto do Recife, voltado para as margens do Rio Beberibe.

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

ASCÂNIO PEIXOTO (22/08/1870 – 24/04/1922)

ENTRE A CRUZ E O NOME



Eduardo Lins Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina



**NOME
DA RUA:
Dr. ASCÂNIO
PEIXOTO**

**A CRUZ
DO
PATRÃO**

Poucos metros adiante, quase como um contraponto involuntário, surge outro tipo de marca. Já não a pedra colonial, mas o asfalto republicano. Já não o poder da punição, mas o poder do saber. Uma avenida leva o nome de Dr. Ascânio Peixoto. À primeira vista, apenas mais um topônimo urbano. Mas ali, lado a lado, a cidade colocou dois símbolos distintos de autoridade: um nascido da força bruta e da vigilância; outro, da ciência, da norma e da institucionalização do conhecimento.

Entre a Cruz e o nome, o Recife parece unir uma transição histórica. É nesse intervalo — entre o castigo e o saber, entre o medo e a razão — que se inscreve a vida de Ascânio de Alcântara dos Guimarães Peixoto.

Ascânio nasceu no Recife, em 22 de agosto de 1870, e pertenceu a uma geração que acreditava profundamente no poder civilizador da ciência. Formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1898, e retornou a Pernambuco imbuído de uma missão que misturava vocação profissional, serviço público e projeto de modernidade. Como tantos de seu tempo, acreditava que o rigor do método e a disciplina do saber seriam suficientes para ordenar a sociedade.

Sua trajetória foi múltipla, quase excessiva. Circulou pelos espaços onde o corpo individual encontrava o corpo social: o quartel, o hospital, a polícia, as comissões sanitárias. Onde havia risco ou desordem, ali estava Ascânio — não apenas para tratar, mas para classificar, enquadrar e normatizar. Não lhe interessava apenas curar; interessava organizar.

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

ASCÂNIO PEIXOTO (22/08/1870 – 24/04/1922)

ENTRE A CRUZ E O NOME



Eduardo Lins Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Essa lógica atravessou também sua produção intelectual. Escreveu sobre inflamação aguda, terapêutica, epidemias e traumatologia. Mas foi na medicina legal que encontrou seu eixo mais claro. Em 1911, ao apresentar à Faculdade de Direito do Recife a tese *Estudos de Criminologia Médico-Legal Aplicada à Lei Penal Brasileira*, afirmou-se como voz autorizada num campo em que ciência e justiça se entrelaçavam. Segundo alguns registros, sua escrita era direta, por vezes dura, pouco tolerante à ambiguidade — traço que não se limitava aos textos, mas atravessava sua personalidade.

Sua ação institucional tampouco se restringiu ao ensino médico. Em 1913, esteve entre os protagonistas da criação da Escola de Odontologia de Pernambuco, a primeira do Estado, surgida no seio da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Eleito diretor, participou ativamente de sua organização acadêmica e administrativa, lançando as bases de um ensino técnico e científico que, décadas depois, daria origem à atual Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco. Era, para ele, o mesmo projeto: formar, normatizar, estruturar.

Esse temperamento se manifestaria com força no campo institucional. Ascânio esteve entre os médicos que, ainda em 1915, sonharam com a criação de uma Faculdade de Medicina em Pernambuco. O projeto inicial fracassou, mas o desejo permaneceu. Em 1920, o grupo fundador retomou a iniciativa, e a Faculdade de Medicina do Recife tornou-se realidade.

A alegria inaugural durou pouco. A jovem instituição mergulhou rapidamente em conflitos internos. A renúncia de Otávio de Freitas à direção escancarou uma cisão profunda. Foi nesse cenário que Ascânio protagonizou um de seus gestos mais radicais: propôs, sem rodeios, a dissolução da própria Faculdade recém-criada, para que outra fosse reorganizada em seu lugar.

O gesto pareceu excessivo a muitos. Mas era coerente com um homem que acreditava mais na estrutura do que na conciliação, mais na ideia de instituição do que na preservação de formas frágeis. Não era um gesto confortável. Parecia-lhe, naquele momento, o único caminho possível para salvar o projeto — ainda que ao custo de rupturas pessoais e ressentimentos duradouros. A proposta foi aceita, com a condição de que fossem respeitados os direitos dos professores fundadores de 1915. A Faculdade sobreviveria, mas marcada desde cedo por instabilidades.

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

ASCÂNIO PEIXOTO (22/08/1870 – 24/04/1922)

ENTRE A CRUZ E O NOME



Eduardo Lins Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Em algum ponto desse percurso, Ascânio voltou-se para dentro. Não o sabemos por leitura direta de suas memórias, mas pelos registros deixados na literatura médica e histórica do Recife, sobretudo nas páginas sensíveis de Leduar de Assis Rocha.

Ali se encontra a notícia de que Ascânio teria escrito sua vida não em português, língua do convívio público, mas no alemão rigoroso que escolheu como abrigo intelectual.

***Mein Leben Als Arzt — Minha Vida de Médico —*
seria menos uma celebração tardia
do que um exercício de franqueza austera.**

Segundo esse testemunho literário, Ascânio registrou uma existência atravessada por amarguras persistentes: contrariedades no início, escassez de meios na maturidade, a sensação recorrente de que a energia despendida — vasta, disciplinada, quase obsessiva — jamais encontrou retorno social proporcional. O alemão, nesse contexto, não aparece como afetação erudita, mas como distanciamento. A língua escolhida para dizer o que não caberia nas atas, nos relatórios, nas cátedras, nem no espaço público que tantas vezes lhe foi hostil.

Esse gesto final, conhecido apenas por intermediação alheia, ilumina retrospectivamente toda a sua trajetória. O médico que transitou entre o cuidado e o controle; o intelectual que acreditou, com rigor quase dogmático, no poder organizador da ciência; o homem pouco afeito a concessões, termina por reconhecer — sem dramatização — o custo dessa fidelidade. Não se trata de fracasso no sentido comum. Trata-se do destino frequente dos que vivem à frente do próprio tempo e, por isso mesmo, acabam deslocados dentro dele.

Ascânio Peixoto não viveria para acompanhar os frutos mais maduros desse processo. Morreu no Recife, em 24 de abril de 1922, aos 51 anos, em plena atividade intelectual. Sua ausência foi precoce. Sua presença, porém, permaneceu — nos livros, nos estatutos, nas instituições que ajudou a erguer e, silenciosamente, no espaço urbano.

Resgatar Ascânio Peixoto não é apenas reconstruir uma biografia. Talvez não tenha sido um homem fácil. Provavelmente não foi. Mas as cidades raramente são moldadas pelos fáceis. É reconhecer um tipo humano: o intelectual que acreditou que a ciência poderia organizar a sociedade; o médico que transitou entre o cuidado e o controle; o homem que, entre a Cruz do Patrão e o asfalto moderno, ajudou a empurrar o Recife para outro tempo histórico. A cidade seguiu adiante, como sempre.

Mas ali, naquele canto do porto, entre a pedra antiga e o nome gravado, permanece a lembrança de que a história também é feita por homens que não buscaram o aplauso e, ainda assim, deixaram marcas profundas.

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

OS ÚLTIMOS DIAS DO DR. OCTÁVIO DE FREITAS:

Nascido na cidade de Teresina, capital do Piauí no dia 24 de fevereiro de 1871, José Octávio de Freitas tornar-se-ia uma figura proeminente na historiografia médica pernambucana. Sua trajetória desde a Cidade Verde, como Coelho Neto chamava Terezina, até fixar residência definitiva no Recife, juntamente com seus pais e dez irmãos, no ano de 1883, é exemplo de resiliência, perseverança e união familiar. Foram quase 66 anos vividos no Recife, onde realizou façanhas notáveis, sobejamente conhecidas, que mudaram a história de nossa Medicina.

Aqui faremos breve reflexão sobre seus últimos dias.



Uma fotografia doada ao IPHM, mostra Octávio de Freitas com bom aspecto andando na Rua Nova, centro do Recife, com legenda registrando que esta era uma das suas últimas fotografias, isto em 1947(Fig. 1). Na literatura consultada pode-se inferir que o quadro clínico do mesmo, de natureza não definida, começou a se agravar no fim do segundo semestre de 1948. Isto pode ser comprovado quando da realização do IV Congresso Nacional de Tuberculose, realizado no Recife, em novembro de 1948, do qual Octávio foi Presidente de .

Honra, porém o grande fisiologista teve uma participação discreta, inclusive não comparendo às principais solenidades notadamente a que lhe foi prestada na Faculdade de Medicina do Recife

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

OS ÚLTIMOS DIAS DO DR. OCTÁVIO DE FREITAS:

Foi representado por seu filho nesta e em outras ocasiões importantes. Encontramos fotografia dele com colegas e o filho Octávio Junior feita por ocasião do referido Congresso, provavelmente no Hospital Oswaldo Cruz, onde algumas sessões foram realizadas. O Velho Guerreiro parecia cansado e abatido e esta é, com grande probabilidade a última foto do Dr. Octávio de Freitas (Fig. 2).



(Fig 2) Da esquerda para a direita: não identificado, Álvaro de Figueiredo, Lauro Borba, Dr Octavio, Raphael de Paula Souza, não identificado e José Octavio de Freitas Junior.

Em virtude da progressão desfavorável do seu estado clínico, foi internado no fim do ano de 1948, no Hospital Português do Recife. Nas fontes disponibilizadas não encontramos nomes dos médicos que o acompanharam nem também da doença que o vitimou. Aliás este é um aspecto que não se encontra nas fontes disponíveis, as quais não registram explicitamente a “causa mortis”.

Estamos atualmente em busca de acesso ao seu Atestado de Óbito para estes esclarecimentos.

(Fig 3)



Com o agravamento de situação clínica, os colegas que já pensavam em cuidados paliativos, autorizaram a transferência para sua querida residência na Rua Dom Bosco 779, na Boa Vista (Fig. 3) onde gostava de trabalhar na sua produção literária e foi aí

que fundou em agosto de 1946 o Instituto Pernambucano de História da Medicina, sua última realização, como ele mesmo afirmava.

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

OS ÚLTIMOS DIAS DO DR. OCTÁVIO DE FREITAS:

Pouco tempo usufruiu de sua casa desta vez pois na quarta-feira 26 de janeiro de 1949 , exatamente na hora do Angelus , ele foi chamado para outra dimensão , dispersando-se na imensidão do infinito ...

Seu filho Octávio Junior conta que ele percebendo que seus médicos procuravam disfarçar a severidade do seu estado e a proximidade de sua morte, pediu que abrisse a janela de seu quarto e disse:

“ ...como Goethe, quero mais luz !”

E Faleceu deixando viúva a Sra. Maria Cristina de Freitas e o filho, o psiquiatra José Octávio de Freitas Junior , duas netas (filhas de Octávio Junior) e o irmão Theóphilo de Freitas. Homenagens e reconhecimentos diversos foram prestados ao estimado médico, notadamente a liderada pela “sua” Faculdade, quando o féretro saiu de sua casa na Rua Dom Bosco e foi ao Panteão do Derby para os tributos à sua memória, prestados por professores e alunos .



(Fig 4)



(Fig 5)

Visão posterior do Mausoléu onde estão os restos mortais de Octávio de Freitas e outros familiares

Depois o cortejo seguiu para o Cemitério de Santo Amaro onde contando com a presença de uma multidão de amigos e apreciadores foi sepultado no Mausoléu da família dos tios- avós de sua esposa (Barão/Baronesa de Messejana) às 16 horas da quinta-feira, 27-1-1949 (Figa. 4 e 5).

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

OS ÚLTIMOS DIAS DO DR. OCTÁVIO DE FREITAS:



Alí também já estavam sepultados seus filhos Miguel José, Octávio Joaquim e Lucia. (fig. 6)

Interessante é que na rua paralela, bem próximo, está o túmulo de seus pais , Desembargador José Manuel de Freitas (ex- governador de Pernambuco) e Thereza Carolina da Silva.

A Missa de sétimo dia foi celebrada na Matriz da Boa Vista no dia 1º de fevereiro com grande comparecimento de familiares , amigos e admiradores.

Interessante registrar que amigos de Dr. Octávio como José Antonio Gonçalves de Melo , a viúva de Ulysses Pernambucano , Jarbas Pernambucano , Gennaro Guimarães e Murilo Humberto Guimarães se associaram a dor da família e também publicaram convites para a Missa (Fig 7).

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

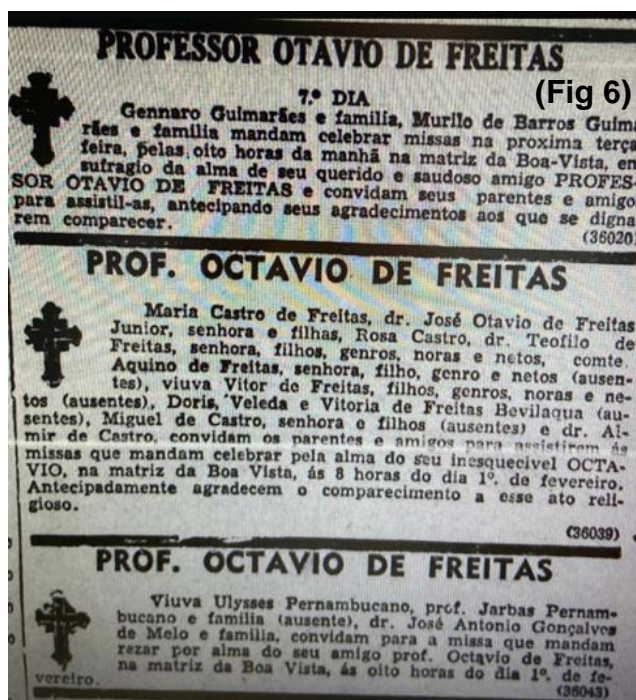


Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

OS ÚLTIMOS DIAS DO DR. OCTÁVIO DE FREITAS:

Neste mesmo dia o senador Apolônio Sales fez uma bela saudação sobre a vida de Octávio de Freitas reconhecendo a sua liderança em várias áreas do saber médico no Estado sobretudo a luta contra a tuberculose, o enfrentamento de endemias e de questões de saúde pública e a fundação da FMR.



Muitas outras reverências foram ainda prestadas a este ícone da Medicina e da História Médica de Pernambuco .

O Desembargador João Aureliano Correia de Araújo da Academia Pernambucana de Letras (Cadeira Nº 2, posse 1933) em discurso na Sessão Solene em homenagem a Octávio de Freitas (Cadeira 21 – Patrono Carneiro Vilella) assim se referiu ao pranteado confrade: ”

“No seio do nosso grêmio, onde a ciência alia-se à Arte , num simbolismo edificante, o nome do nosso inolvidável colega – Octávio de Freitas – está ligado aos letrados, perpetuando-se nas tradições e no culto deste sodalício, que sempre lhe acolheu a palavra serena e mansa e as inspirações de sua alma forrada de uma doçura ingênita”. E concluiu sua saudação : “ Glória a Octávio de Freitas, que terá a ventura de ouvir, dos mistérios incognoscíveis do sepulcro, o “ laude postera” com que as novas gerações hão de bendizer o seu laureado nome!

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina
Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina e
Membro da International Society For The History Of Medicine

Vinte e seis de janeiro de 1949, quarta-feira, 18 hs. , foi um dia triste para nosso Estado. Perdemos Dr. Octávio de Freitas, o **“Revolucionário do Bem Comum”** como dissera o Confrade José Nivaldo Barbosa ou como afirmava Gilberto Freire: **“uma instituição pernambucana e até brasileira”**.

Ou ainda como o lembrou Ivolino de Vasconcelos no II Congresso Brasileiro de História da Medicina no Recife em 1953:

“ Octávio de Freitas...Atentai, meus patrícios, na magnificência desse nome. Pronunciai-o, em surdina, e vereis que ele encerra estranhas e profundas harmonias ... É como se ouvíssemos a voz de um brônzeo sino , ressoando uma prece, no âmago de uma Cátedra , a reproduzir-lhe os ecos, respeitosa e saudosamente...”

Agradecimentos ao confrade e médico **Theóphilo José de Freitas Neto** , sobrinho - neto de Dr. Octávio , pelas informações e orientações que nos ajudaram na elaboração deste texto.

Fontes Pesquisadas:

- 1-Távora, J.G. e cols.- Octávio de Freitas, Um Homem à Frente do seu Tempo,1993 , Ed. CEPE .
- 2- Revistas e fotos do acervo do IPHM e do COC/FIOCRUZ
- 3- Aureliano , João – Perfil de Octávio de Freitas, Jornal de Medicina de Pernambuco, Ano XLV-Recife, nº 8 ,Nov.-Dez.1949, pag. 373-376.

Seção V – Artigo em Destaque

In Memoriam

Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

(Recife, 1º de fevereiro de 1943 — Recife, 20 de fevereiro de 2026)

O Instituto Pernambucano de História da Medicina presta homenagem póstuma ao Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva — médico, neurologista, professor, gestor universitário, escritor e intelectual — cuja trajetória marcou de forma indelével a medicina, a universidade e a vida cultural pernambucana.



Nascido no Recife, Gilson Edmar graduou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco em 1966. Desde a formação, revelou vocação acadêmica precoce, tendo sido monitor de Fisiologia ainda como estudante e integrante da Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife, da qual se tornaria presidente.

Construiu sólida formação internacional com mestrado em Neurofisiologia Clínica/Epileptologia na Université d'Aix-Marseille (1973), sob orientação de renomados especialistas da escola francesa de epileptologia, doutorado em Neurologia pela Universidade Federal de São Paulo (1991) e pós-doutorado na Universidade de Bologna (2012).

Sua atuação científica concentrou-se nas áreas de eletroencefalografia, epilepsia e neurologia clínica, tendo sido responsável pela implantação e desenvolvimento de serviços de EEG e pela consolidação da neurofisiologia clínica em Pernambuco. Instalou o primeiro serviço de eletroencefalografia na então Faculdade de Ciências Médicas, atuou como neurologista no INAMPS e manteve intensa prática clínica paralela à carreira universitária.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque

In Memoriam

Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

(Recife, 1º de fevereiro de 1943 — Recife, 20 de fevereiro de 2026)

Na Universidade Federal de Pernambuco, exerceu funções de grande relevância institucional:

**Chefe do Departamento de Neuropsiquiatria (1986–1988),
Diretor do Centro de Ciências da Saúde (1996–2004) por dois mandatos
e Vice-reitor da universidade (2004–2011).**

Sua gestão foi marcada por visão estruturante e compromisso com a expansão do ensino superior em saúde, tendo contribuído para:

**a criação do Mestrado em Neuropsiquiatria
a implantação do curso de Fonoaudiologia no Campus Recife
a criação do curso de Saúde Coletiva no Centro Acadêmico de Vitória**

Foi Professor Homenageado por diversas turmas de estudantes, reconhecimento espontâneo que refletia sua dedicação à formação médica e à educação superior. Professor Emérito da UFPE, foi também Professor Assistente Estrangeiro na Université d'Aix-Marseille.

Teve intensa atuação associativa, sendo membro da Academia Brasileira de Neurologia, da Academia Pernambucana de Medicina, da Academia Pernambucana de Ciências, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, do Instituto Pernambucano de História da Medicina, além de diversas sociedades científicas como a Liga Brasileira de Epilepsia e a Sociedade Brasileira de Neurofisiologia.

Presidiu o XXII Congresso Brasileiro de Neurologia, realizado em Recife em 2006, e criou o Simpósio Internacional de Epilepsia, contribuindo decisivamente para a projeção nacional da neurologia pernambucana. Participou ainda da expansão da Liga Brasileira de Epilepsia pelo país.

Seção V – Artigo em Destaque

In Memoriam

Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

(Recife, 1º de fevereiro de 1943 — Recife, 20 de fevereiro de 2026)

Sua contribuição científica se materializou também em grandes obras:

Livros técnicos

- *Neurologia Clínica* (UFPE, 2003), organizado com Marco Otávio Saraiva Valença — primeiro livro da especialidade produzido por autores pernambucanos
- *A Eletroencefalografia e a Escola do Recife* (2015)

Obra literária

Um olhar no cotidiano – cinco anos de crônicas (2010)

Recebeu importantes distinções:

- Medalha São Lucas
- Medalha Egas Muniz (Sociedade Portuguesa de Neurologia)
- Medalha do Mérito Educacional em Medicina
- Medalha José Alberto Maia (Capítulo Pernambucano da ABN)

Em outubro de 2023, foi homenageado pela Academia Pernambucana de Ciências durante o III Encontro Pernambucano de Educação, Ciência e Tecnologia, realizado no Auditório do Instituto Aggeu Magalhães, em reconhecimento aos seus 80 anos e à sua ampla contribuição científica à sociedade.

No campo cultural, integrou também o Rotary Club Boa Vista — do qual foi presidente e posteriormente governador distrital — e o Country Club do Recife.

Ingressou na SOBRAMES-PE em 9 de novembro de 2015. Ausentou-se temporariamente durante sua atuação como governador do Rotary, retornando após o término de seu mandato.

Depoimento do médico Gildo Benício, publicado no *Jornal de Medicina* (abril de 2017), sintetiza sua personalidade:

“Discreto, competente e conceituado... médico seguro, prestativo e humano, dotado de grande capacidade administrativa.”

Continua

Seção V – Artigo em Destaque

In Memoriam

Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

(Recife, 1º de fevereiro de 1943 — Recife, 20 de fevereiro de 2026)

O testemunho relembra ainda sua trajetória desde os tempos de estudante na enfermagem São Miguel do antigo Hospital Pedro II, sua formação na França sob orientação de Henri Gastaut e Robert Naquet, a criação do curso de pós-graduação em Neuropsiquiatria no Hospital Agamenon Magalhães e sua atuação na organização de congressos nacionais e internacionais.

Em seu discurso ao receber o título de Professor Emérito da UFPE, em dezembro de 2014, o Prof. Gilson Edmar destacou a memória como fundamento da identidade humana e institucional. Argumentava que, assim como o desaparecimento da memória compromete a identidade do indivíduo, a perda da memória institucional fragiliza a própria continuidade do saber.

Essa reflexão — situada entre a neurociência e a história — revela sua compreensão profunda da medicina como prática científica e construção cultural. Tal pensamento também se expressou em seu ensaio ***O Futuro na História da Medicina***, no qual sustentava que a preservação da memória é condição para a construção do futuro do conhecimento médico.

O Prof. Renato Camara, que com ele conviveu, com muita proximidade e amizade desde os tempos do Hospital Pedro II, faz um depoimento que revela a dimensão humana de Gilson:

“A par de suas conquistas profissionais e universitárias, Gilson destacou-se por ser um homem profundamente gregário, amante da vida em sociedade e do convívio com as pessoas, apesar de seu temperamento naturalmente reservado.

Seguia a corrente naturalista de pensamento, inspirada em Aristóteles e Tomás de Aquino. Gostava de estar entre amigos — nas comemorações de seus aniversários, nas idas aos jogos do seu querido Sport Club do Recife ou na participação entusiasmada no Rotary Club de Pernambuco, do qual chegou a ser Governador.

Seção V – Artigo em Destaque

In Memoriam

Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

(Recife, 1º de fevereiro de 1943 — Recife, 20 de fevereiro de 2026)

Exaltava a convivência familiar e nutria relação amorosa e solidária com os filhos André, Rodrigo e Daniela. Esse sentimento estendia-se às noras, ao genro e aos netos, com especial carinho por sua neta Beatriz, que se formou em Medicina no ano passado. Em momento de emoção singular, presenteou-a com seu anel de formatura de 1966, colocando-o em seu dedo na solenidade de graduação, após a afetuosa ‘autorização’ de seu filho André, pai de Beatriz.

Para desempenhar com êxito suas funções de pai, professor universitário e homem de intensos compromissos societários, contou sempre com o apoio e a companhia de sua querida Vitória — presença constante na saúde e na doença, na tristeza e na alegria.

“Requiescat in pace.”

Ao retornar ao Recife após viagem à Europa, onde celebrava seu octogésimo terceiro aniversário, ocorreu a inesperada fatalidade que culminou com seu falecimento em 20 de fevereiro de 2026.

A vida do Prof. Gilson Edmar foi marcada pela conjugação rara entre ciência, humanismo, gestão acadêmica e sensibilidade literária.

Ao recordá-lo, preservamos não apenas a memória de um homem, mas reafirmamos o valor da memória como elemento constitutivo da própria medicina.

O Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva deixa um legado duradouro na neurologia brasileira, na construção institucional da UFPE e na formação de gerações de profissionais de saúde.

Sua memória permanece associada à dedicação ao ensino, à ciência e à dimensão humanística da medicina.

O Instituto Pernambucano de História da Medicina registra, com respeito e gratidão, sua contribuição à medicina pernambucana e à cultura científica nacional.

Seção V – Artigo em Destaque



Raul Manhães de Castro

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Aurora que Permanece



Que Recife amanheça
em luz suave,
como quem reconhece
que toda aurora é tecida
pelo que parte
e pelo que permanece.

E quando teu nome
for sussurrado,
meu mestre, Gilson Edmar,
não será apenas um nome,
mas uma rede de gestos,
vozes e silêncios
entrelaçados no tecido invisível da
cidade.

Lembras: Marselha era tua
e Paris era minha,
pois a França era nossa.

Médico de mãos firmes,
porque a vida
às vezes exige rigor,
e mãos carinhosas,
porque a vida

sempre exige ternura,
trouxeste no coração largo
a ciência que mede
e o amor que não se mede.

Em ti, o saber
não era torre isolada,
mas ponte.

A técnica
não era instrumento frio,
mas extensão da escuta.

E assim mostraste que curar
é compreender
que cada dor é singular
e, ao mesmo tempo,
eco do todo.

Fomos.
E somos gratos.

Não apenas pelo que fizeste,
mas pelo modo como foste.

A conversa nos corredores
era mais que palavra:
era encontro de mundos.

Continua



Raul Manhães de Castro

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Aurora que Permanece

Teu riso leve não negava
o peso das responsabilidades;
ensinava que o peso se reparte
quando os ombros se reconhecem.

Foste gesto e pausa,
tempo ofertado
como quem sabe
que o tempo não se possui,
partilha-se.

Foste palavra precisa
e escuta profunda,
onde até o silêncio encontrava abrigo.

Havia em ti a consciência serena
de que a alegria não é distração,
mas força
que sustenta o humano
no meio das incertezas.

Na gestão, eras compromisso vivo,
defensor da educação que emancipa,
da saúde que integra corpo e dignidade,
da causa pública entendida
como cuidado ampliado.

Sabias que governar é servir
e que servir é reconhecer
que cada decisão vibra
em múltiplas vidas entrelaçadas.

Nos encontros de dirigentes ou dirigidos,
teu nome será chamado
como se chama uma fonte em tempo de
sede.

Não por nostalgia,
mas porque a memória também é
presença.

Ela orienta.
Inspira.
Reconecta.

Estarás à mesa das lembranças
como quem ainda participa do diálogo,
sutil e essencial.

Descansa na paz que não é ausência,
mas transformação.

Pois o que foi vivido com inteireza
não se extingue:
circula.

Teu legado de generosidade e
humanismo
segue como corrente invisível
a tocar cada vida,
e até a matéria que tocaste,
com ciência, ética e amor.

E assim compreendemos:
ninguém parte sozinho,
porque cada ser é nó
de uma trama maior.

E tu permaneces
na delicada complexidade do mundo
que ajudaste a cuidar.



Márcio Diniz Allain Teixeira

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Seção VI

PARABÉNS AOS ANIVERSARIANTES

JANEIRO

13 Márcio Allain
21 Eduardo Paixão
25 Zília Codeceira
30 Marcelo Valença
30 Vânia Pinheiro Ramos

FEVEREIRO

01 Gilson Edmar
5 Fátima Militão
17 Raul Manhães de Castro
20 Miguel Doherty

DATAS COMEMORATIVAS DA SAÚDE

JANEIRO

02 Dia do Sanitarista
04 Dia Nacional da Abreugrafia
04 Dia do Hemofílico
14 Dia do Enfermo
20 Dia Nacional da Parteira Tradicional
20 Dia do Farmacêutico
23 Dia Internacional da Medicina Integrativa
28 Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase

FEVEREIRO

04 Dia Mundial do Câncer
05 Dia Nacional da Mamografia
05 Dia do Dermatologista
11 Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência
12 Dia Internacional da Epilepsia¹
5 Dia Internacional da Luta contra o câncer infantil
8 Dia Internacional da Síndrome de Asperger
20 Dia Nacional de Combate às Drogas e Alcoolismo
29 Dia Mundial da Doença Rara

Referência: <https://www.calendarr.com/brasil/> e <https://bvsmms.saude.gov.br/datas-da-saude/>

Sicredi Recife. A cada dia mais próxima de você.



Venha visitar uma de nossas agências e conheça **nossos produtos**.

Crédito | Poupança
Investimento | Cartões
Conta-corrente | Consórcios

[Clique aqui e confira.](#)

Abra
a sua
conta.

 **Sicredi**

☎ 2101.6161 | @sicredirecife



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundação: 25 de Agosto de 1946

Diretoria

Presidente: José Luiz de Lima Filho
Presidente Emérito: Miguel Doherty
Vice-Presidente: Sílvio da Silva Caldas Neto
Primeiro-Secretário: Luiz de Gonzaga Braga Barreto
Segundo-Secretário: Renato Dornelas Câmara
Tesoureiro: João de Melo Régis Filho

Conselho Fiscal

Ester Azoubel Sales e Luiz de Gonzaga
Braga Barreto

Grupo de WhatsApp “História da Medicina”, Administradores:

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Correspondência:

Memorial da Medicina, Rua Amaury de
Medeiros, 206, Derby, 52010-120, Recife

SÓCIOS TITULARES

1. Amaury de Siqueira Medeiros / 2. Ananília Finizola de Vasconcelos / 3. Antonio Lopes de Miranda / 4. Antonio Medeiros Peregrino da Silva / 5. Aurélio Molina da Costa / 6. Bento José Bezerra Neto / 7. Bernardo David Sabat / 8. Carlos Alberto Cunha Miranda / 9. Cláudia Beatriz Câmara de Andrade / 10. Cláudio Renato Pina Moreira / 11. Dagoberto de Carvalho Júnior / 12. Djalma Agripino de Melo Filho / 13. Edite Rocha Cordeiro / 14. Eduardo Lins Paixão / 15. Eleny Silveira / 16. Eni Maria Ribeiro Teixeira / 17. Esther Azoubel Sales / 18. Fernando José Soares de Azevedo / 19. Fernando Pinto Pessoa / 20. Filipe Prohaska Batista / 21. Gilda Kelner / 22. Gilson Edmar Gonçalves e Silva / 23. Gisélia Alves Pontes da Silva / 24. Helena Maria Carneiro Leão / 25. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho / 26. João de Melo Régis Filho / 27. José Benjamim Gomes / 28. José Guido Corrêa de Araújo / 29. José Luiz de Lima Filho / 30. Luiz Carlos Oliveira Diniz / 31. Luiz de Gonzaga Braga Barreto / 32. Marcelo Moraes Valença / 33. Márcio Diniz Allain Teixeira / 34. Maria de Fátima Militão de Albuquerque / 35. Maurício José Matos e Silva / 36. Meraldo Zisman / 37. Miguel John Zumaeta Doherty / 38. Moacir de Novaes Lima Ferreira / 39. Olival Cirilo Lucena da Fonseca / 40. Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo / 41. Paulo José Carnevalheira de Mendonça / 42. Raul Manhães de Castro / 43. Renato Dornelas Câmara Neto / 44. Ricardo de Carvalho Lima / 45. Romero Caldas Pereira de Carvalho / 46. Saulo Gorenstein / 47. Sérgio Tavares Montenegro / 48. Sílvio da Silva Caldas Neto / 49. Sirleide de Oliveira Costa Lira / 50. Theóphilo José de Freitas Neto / 51. Vânia Pinheiro Ramos / 52. Wilson Freire de Lima / 53. Zília de Aguiar Codeceira.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

1. Almira Vinhaes Dantas (Bahia) / 2. José Roberto de Souza Baratella (São Paulo) / 3. Milton Hênio Neto de Gouveia (Alagoas) / 4. Ney Marques Fonseca (Rio Grande do Norte) / 5. William Eduardo Nogueira Soares (Sergipe)



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundação: 25 de Agosto de 1946

Publicação do Instituto Pernambucano de História da Medicina,
circulação bimestral, distribuição por e-mails e mídias sociais.

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente as posições da Diretoria do IPHM ou da Comissão de Divulgação & comunicação.

Organização geral:
Renato Dornelas Câmara Neto

Projeto gráfico, diagramação e ilustração:
Bernardo Sabat

Comissão de Divulgação & Comunicação:

**Antônio Peregrino, Bernardo Sabat, Eduardo Paixão,
Filipe Prohaska, Marcelo Valença e Márcio Allain**

OPINIÕES, ARTIGOS E SUGESTÕES SÃO BEM VINDOS

Coleção completa com os 35 números anteriores do Boletim disponível em:
www.jornalmemorialdamedicina.com

Conecte-se Conosco



Instituto Pernambucano de
Historia da Medicina



iphmedicina@gmail.com